

PRODUÇÃO DE MAPAS E A CARTOGRAFIA PARTICIPATIVA: EMPODERAMENTO DE POVOS INDÍGENAS NA MICRORREGIÃO DO ALTO SOLIMÕES, NO ESTADO DO AMAZONAS, BRASIL.

Mateus da Silva Teixeira¹
Ricardo Gilson da Costa Silva²
Rosalina Davila Larrondo³
Orlando Menezes da Silva⁴

RESUMO

A pesquisa desenvolvida na mesorregião do Alto Solimões, Amazonas, tem como foco a análise dos conflitos socioambientais envolvendo o uso e acesso aos recursos naturais por populações tradicionais, como ribeirinhos, quilombolas e agroextrativistas. Essas comunidades mantêm vínculos históricos com seus territórios e utilizam os recursos naturais de forma coletiva e sustentável. No entanto, pressões externas, associadas à expansão econômica, mercantilização da natureza e políticas públicas excludentes, têm provocado disputas e fragilizado seus modos de vida. O estudo propõe a cartografia social como ferramenta metodológica e política para o fortalecimento dessas comunidades, permitindo que elas representem, a partir de suas próprias vivências, os conflitos em torno da terra e da água. A produção de mapas participativos tem se mostrado eficaz na visibilização de demandas e no reconhecimento institucional de territórios tradicionalmente ocupados. Através de oficinas e diálogos com os moradores, foi possível construir representações cartográficas que refletem não apenas a espacialização de recursos e usos, mas também as formas de resistência e organização social dos povos locais. A cartografia participativa, assim, se consolida como instrumento de empoderamento, capaz de promover debates, reivindicações e ações políticas baseadas na realidade vivida pelas comunidades da floresta.

Palavras-chave: Cartografia Social; Conflitos Socioambientais; Populações Ribeirinhas; Empoderamento Comunitário

RESUMEN

La investigación realizada en la mesorregión del Alto Solimões, Amazonas, se centra en el análisis de dos conflictos socioambientales que involucran el uso y acceso a los recursos naturales por parte de poblaciones tradicionales, como los ribereños, los quilombolas y los agroextractivistas. Estas comunidades mantienen vínculos históricos con sus territorios y utilizan los recursos naturales de forma colectiva y sostenible. Sin embargo, las presiones externas, asociadas a la expansión económica, la mercantilización de la naturaleza y las políticas públicas excluyentes, han provocado disputas y debilitado sus formas de vida. El estudio propone la cartografía social como herramienta metodológica y política para el fortalecimiento de estas comunidades, permitiéndoles representar, desde sus propias experiencias, los conflictos en torno a la tierra y el agua. La producción de mapas participativos ha demostrado ser eficaz para visibilizar demandas y reconstituir institucionalmente territorios tradicionalmente ocupados. A través de talleres y diálogos con pobladores, fue posible construir representaciones cartográficas que reflejan no sólo la espacialización de los recursos y usos, sino también las formas de resistencia y organización social de las poblaciones locales. La cartografía participativa, por tanto, se consolida como un instrumento de empoderamiento, capaz de promover debates, demandas y acciones políticas a partir de la realidad vivida por las comunidades forestales.

Palabras clave: Cartografía Social; Conflictos socioambientales; Poblaciones ribereñas; Empoderamiento comunitario

¹ Doutorando em Geografia – UNIR, mateus.mdst97@gmail.com;

² Professor da Universidade Federal de Rondônia, coautor1@email.com;

³ Mestrando do Curso de Geografia da Universidade Federal de Rondônia, coautor2@email.com;

⁴ Doutorando da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, orientador@email.com.

INTRODUÇÃO

Na área legal da Amazônia no Brasil, vários conflitos são registrados em relação ao uso dos recursos naturais, incluindo madeira, vegetais e animais para alimentação, além dos recursos hídricos, como rios, lagos, riachos e reservatórios – que abrigam tartarugas e peixes – encontrados nesses ecossistemas.

Os variados grupos étnicos e culturais, como quilombolas, ribeirinhos, agroextrativistas e pescadores, ocupam o território de forma tradicional. Ao realizarmos uma análise geográfica dessa área na Amazônia brasileira, é possível notar como os habitantes interagem, utilizando os recursos naturais de maneira sustentável. Conflitos de terra emergem como resultado da disputa por espaço, tanto físico quanto social.

De acordo com Bourdieu (2013: p. 03), o espaço social, quando manifestado fisicamente, é compreendido como uma organização no ambiente físico que abriga diferentes tipos de recursos, serviços, indivíduos e grupos que estão situados em um local específico (como corpos associados a um lugar estável: domicílio ou residência principal) e que possuem várias opções de acesso a esses recursos e serviços com distintos níveis de relevância.

Neste estudo reflexivo, a interação das pessoas no âmbito social e territorial ocorre através de indivíduos que habitam e desenvolvem atividades produtivas coletivamente, como a agricultura, a caça e a pesca para sobrevivência. Dentro desse cenário, as famílias estabelecem um vínculo intenso com a terra, e suas identidades se constroem ao longo dos anos. A exploração dos recursos naturais disponíveis nos rios, na terra e nas florestas da Amazônia por variados grupos tem gerado disputas.

As comunidades tradicionais enfrentam esses desafios. Assim, emergem conflitos socioambientais que impactam e são reconhecidos por essas populações, tornando-se cada vez mais frequentes nessa área.

Considerando essas considerações, examinou-se a abordagem utilizada na elaboração dos mapas que ilustram os conflitos associados à Terra e à Água, levando em conta a perspectiva das comunidades tradicionais do Alto Solimões.

METODOLOGIA

A abordagem deste artigo utiliza uma pesquisa exploratória, destinada a oferecer uma compreensão geral e preliminar de fenômenos que ainda não são bem compreendidos, como os

movimentos sociais. Conforme afirmado por Gil (2008, p. 46), “as pesquisas exploratórias têm como meta fornecer uma perspectiva geral, de caráter aproximativo, sobre um determinado evento”, o que as torna adequadas para esta investigação.

A obtenção de informações será realizada através de métodos variados, incluindo a observação direta no local, conversas informais com líderes e a coleta de dados secundários de fontes oficiais. A realização de entrevistas informais é especialmente útil em pesquisas exploratórias, pois facilita a compreensão de contextos pouco familiarizados ou a identificação preliminar dos problemas analisados (GIL, 2008). Antes das entrevistas, será feita uma observação das atividades realizadas pelas lideranças comunitárias, principalmente no que se refere à colaboração com instituições e na resolução de disputas territoriais.

A observação desempenhará um papel fundamental, possibilitando a compreensão de padrões e conexões entre os fenômenos analisados. Conforme destaca Pereira (2012, p. 39), essa abordagem visa identificar essas regularidades sem se apoiar em estruturas previamente estabelecidas. Para alcançar esse objetivo, é essencial que o pesquisador seja competente em documentar dados com precisão, distinguindo o que é relevante do que é irrelevante, conforme instruem Ludke e Menga (2013).

Além das entrevistas, observações e análise de documentos, foram promovidas oficinas. Essas atividades possibilitaram a criação de esboços e mapas em colaboração com as lideranças locais, facilitando a visualização dos conflitos e das dinâmicas de uso do território.

O mapeamento colaborativo é visto como um recurso de engajamento político e formativo para os movimentos sociais, além de servir como uma abordagem de análise geográfica. Assim, a cartografia social desempenhará um papel fundamental na formação do conhecimento, ajudando na identificação dos territórios habitados e das ações dos movimentos sociais. A representação em formato cartográfico possibilitará a documentação, organização e disseminação das modalidades de atuação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com o decorrer do tempo, os mapas passaram a ser cada vez mais utilizados no contexto histórico da sociedade, abordando diferentes aspectos de localização geográfica. A cartografia, por sua vez, revela-se como uma ferramenta fundamental para os povos e comunidades tradicionais, que lutam pelos seus direitos frequentemente negligenciados em relação ao território de uso compartilhado. Nesse sentido, conforme Acselrad (2013: pg.17), "A cartografia social pode ser definida como a apropriação de técnicas e métodos de representação



cartográfica modernos por grupos sociais que, ao longo da história, foram excluídos dos processos de tomada de decisão".

A cartografia participativa⁵ é uma técnica utilizada para identificar os diferentes grupos sociais que reivindicam direitos territoriais. Este estudo se baseia na colaboração entre o Núcleo de cartografia social e o Núcleo de estudos socioambientais, que dispõem de uma vasta coleção de informações e mapas da região do Alto Solimões.

Os embates territoriais enfrentados pelos grupos sociais acontecem dentro da delimitação geográfica da microrregião⁶ no estado do Amazonas. Os municípios abrangidos são os seguintes: Benjamin Constant, com uma ⁷população estimada de 43.935 habitantes, Tabatinga, com 52.272 habitantes, Santo Antônio do Iça, com 21.243 habitantes, São Paulo de Olivença, com 31.422 habitantes, Tonantins, com 17.079 habitantes, Amaturá, com 9.467 habitantes, e Atalaia do Norte, com 20.398 habitantes.

A prática do mapeamento cartográfico está em constante evolução para os pesquisadores que estudam as mobilizações sociais das lideranças de comunidades tradicionais. Os municípios localizados na região do Alto Solimões possuem uma grande diversidade de fauna e flora, o que tem gerado conflitos entre diferentes grupos que buscam lucrar com esses recursos naturais. Nesse contexto, o mapeamento social⁸ desempenha um papel importante na luta pela demarcação territorial das áreas ocupadas⁹ por essas populações.

As áreas da cartografia social revelam as tradições, por meio de representações simbólicas, das interações sociais, conflitos destacados, ocupação dos espaços territoriais. O aspecto da lembrança é um conceito crucial para a construção cartográfica, uma vez que possibilita o entendimento das mudanças nos territórios para a análise social.

⁵ Segundo Almeida (2013: p.23) "As comunidades tradicionais tornam-se uma fonte de produção de informação cartográfica".

⁶ Na mesorregião do Alto Solimões, na fronteira tríplice Brasil, Colômbia e Peru, as tensões sociais têm aumentado, devido à intensificação da ação ilegal de madeireiros, grileiros, garimpeiros, empresas mineradoras e pescadores comerciais envolvendo terras tradicionalmente ocupadas por indígenas, ribeirinhos e comunidades agroextrativistas (Silva. p. 34).

⁷ IBGE – Instituto brasileiro de Geografia e Estatística. Link de Acesso ao dados - <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am>

⁸ O mapeamento social, neste sentido, consiste num instrumento que fortalece a emergência de identidades coletivas e relativiza a ênfase na biodiversidade, no caso da Amazônia, colocando-a como atrelada à diversidade cultural e à mobilização destes povos e comunidades tradicionais em torno de seus direitos territoriais (Almeida, 2013 p.34).

⁹ A questão do espaço habitado pode ser abordada segundo um ponto de vista biológico, pelo reconhecimento da adaptabilidade do homem, como indivíduo, às mais diversas altitudes e latitudes, aos climas mais diversos, às condições naturais mais extremas. Uma outra abordagem é a que vê o ser humano não mais como indivíduo isolado, mas como um ser social por excelência. (Santos, 2006 p.14)

Segundo Almeida e Souza (2017: p.06), é relevante considerar a memória como um componente importante na elaboração de mapas situacionais que representam a realidade histórica na cartografia social.

O vínculo entre o ser humano e o espaço que ele habita influencia as narrativas de vida que surgem, contribuindo para a formação da memória. Os mapas temáticos são reflexos da cartografia oficial e desempenham um papel importante na comunicação entre os órgãos responsáveis pela gestão do território em âmbito federal, estadual e municipal.

Figura 1 e 2: Membros e Lideranças das comunidades indígenas do município de São Paulo de Olivença – AM



Fonte: Pesquisa de Campo, acervo NESAM / NCSA -2020.

Figura 3 e 4: Membros da Comunidade São Gabriel do Município de Atalaia do Norte – AM



Fonte: Pesquisa de Campo. Acervo NESAM / NCSA - 2020.

Os mapas produzidos pelos comunitários são fundamentais para garantir a demarcação e a preservação das áreas ocupadas pelas comunidades. Por meio desse trabalho conjunto, é possível evidenciar a relação de pertencimento e a importância do território para a identidade cultural e histórica desses povos.

Conhecido como croqui, cada membro da equipe contribui coletivamente para a elaboração do desenho do espaço, local e território de uso. As práticas de utilização dessa área são culturais, a percepção deles sobre o ambiente em que vivem é fundamental na elaboração do mapeamento social. Portanto, cada indivíduo das comunidades possui sua maneira única de enxergar o mundo e sua região, as quais são fundamentais para a criação do croqui.

Segundo as palavras de Edwards (2002, p. 76), "Um croqui não se resume a um desenho técnico com expressão fixa que captura uma ideia concluída e fechada em sua representação. Ele é, na verdade, um elemento de linguagem em constante evolução, aberto a possibilidades e transformações, como em um diálogo entre o criador e o ambiente social". As comunidades refletem suas emoções ao descrever seu estilo de vida no território compartilhado, durante o processo de reivindicação e luta pelo espaço.

Destaco que essa ferramenta, no âmbito do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, representa um avanço na capacitação dos povos e comunidades tradicionais que vivem na região do alto Solimões no estado do Amazonas.

A compreensão dos territórios vai muito além de apenas delimitar áreas geográficas, pois tem se mostrado como uma forma de resistência para os povos tradicionais que habitam a Amazônia e outras regiões do Brasil. A representação cartográfica feita por esses povos reflete suas conexões emocionais com os espaços e locais onde vivem em harmonia com a natureza.

Levando em conta esses aspectos, conforme a análise de Ascelrad (2013: p.17), a cartografia social demonstra a presença de conflitos de conhecimento através dos quais os grupos sociais buscam formas próprias de compreender o espaço e suas representações, utilizando as técnicas tradicionais de cartografia em sua atuação política.

A expressão retratada nos desenhos feitos pelos indivíduos da comunidade é uma ferramenta contra a violação dos direitos territoriais, as imagens capturadas resultam de pesquisas realizadas nos municípios da região do alto Solimões. O time responsável pelo Departamento de Mapeamento Social da Amazônia coleta registros oficiais dos conflitos sociais e territoriais na região do alto Solimões, que serão avaliados e documentados para futuras publicações em formato de fascículos e boletins informativos.

Figura 5: Elaboração e finalização do croqui de povos indígenas do Município de Benjamin Constant – AM



Fonte: Acervo, NCSA, ano 2020.

Frente à diversidade do conteúdo etnográfico presente nos povos e comunidades tradicionais, essas atividades de mapeamento tornam-se cruciais durante a oficina de cartografia social. Nessa perspectiva, Ascelrad (2013: p.32) salienta que: "Os mapas sociais podem ser utilizados de diversas maneiras: como instrumento legal em processos de resistência e competição por identidade e áreas tradicionais". Logo, os desenhos representam elementos fundamentais na delimitação do espaço geográfico dos grupos sociais, revelando e destacando os variados conhecimentos tradicionais, tais como: práticas, culturas e tradições no território em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maneira como os mapas são representados é considerada pelas populações e grupos tradicionais como uma ferramenta importante para facilitar a comunicação entre os diferentes níveis de governo, sejam eles federais, estaduais ou municipais. A elaboração de mapas é uma forma de resistência por parte dos grupos sociais, já que através desse trabalho cartográfico é possível retratar toda a experiência de vida das pessoas em relação ao espaço.

Compreendemos a relevância de preservar o conhecimento ancestral, que desempenha um papel fundamental na elaboração de estratégias inovadoras de políticas públicas. As atividades de mapeamento ao longo da história dessas comunidades tradicionais são essenciais para compreender e analisar a ocupação do território, a abordagem utilizada pelas investigações

do Núcleo de Cartografia Social da Amazônia e do Núcleo de estudos socioambientais têm sido uma forma eficaz de instruí-los na elaboração de mapas baseados em suas experiências.

No que diz respeito à experiência cartográfica, os recursos produzidos por eles desempenham um papel crucial nas fases posteriores da elaboração do boletim informativo e dos fascículos. As interações sociais estabelecidas em um determinado ambiente físico, incluindo a formação de territórios através da utilização de recursos comuns, permitem entender como os espaços sociais são criados no decorrer da interação entre as pessoas.

A concepção desta pesquisa surgiu a partir de fontes documentais e investigações em plataformas online, bem como através da colaboração de laboratórios, de forma a contar com um extenso acervo de estudos sobre as populações e comunidades tradicionais da região do alto Solimões.

Acreditamos que a criação dos mapas definitivos das comunidades tradicionais é fortalecida através da utilização de documentos cartográficos como ferramenta de empoderamento do território. No estado do Amazonas, especialmente na área do alto solimões, as pesquisas realizadas pelos laboratórios têm sido fundamentais para o desenvolvimento de políticas públicas e reivindicações por direitos territoriais.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. Cartografias sociais e território. Rio de Janeiro : Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008. 168 p. (Coleção Território, ambiente e conflitos sociais ; n. 1

ALMEIDA, A Alfredo Wagner Berno de. Mapas situacionais e categorias de identidades na Amazônia. In. ALMEIDA, A. W. B. de; FARIAS JÚNIOR, E. A. (2013). Povos e comunidades tradicionais: nova cartografia social. Manaus: UEA Edições.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Cadernos de debates Nova Cartografia Social: Territórios quilombolas e conflitos. Alfredo Wagner Berno de Almeida (Orgs)... [et al]. – Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2010.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Nova Cartografia Social da Amazônia: Movimento Kokama em São Paulo de Olivença-AM. Manaus : UEA Edições, 2013.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faixinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. 2.^a ed, Manaus: PGSCA–UFAM, 2008.

ASCELRAD, Henri e Vianna Jr, Aurélio. (Organizador);...[et al.] Cartografia social e dinâmicas territoriais: marcos para o debate/– 2. ed - Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano e Regional, (2012).

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico, DIFEL, Lisboa, 1989.
Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-O-poder-simbolico.pdf> Acesso em: 12 de janeiro de 2021.

CAÑAS, Ana Roberta Pessoa Aguilar. Conflitos silenciosos: a pesca amadora no lago de Balbina, Presidente Figueiredo, Amazonas / Ana Roberta Pessoa Aguilar Cañas. - Manaus: UFAM, 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) — Universidade Federal do Amazonas, 2012.

EDWARDS, Betty. Desenhando como artista interior. Tradução Maria Cristina Guimarães Cupertino. São Paulo: Claridade, 2002.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARQUES, António Pedro Sousa. - "Da construção do espaço à construção do território", Fluxos & Riscos, v.1 nº 1 (2010), pp.75-88 Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream.pdf> Acesso em: 12 de Outubro de 2020.

MARX, Karl. Formações Econômicas Pré-Capitalistas. Tradução de Erich Hobsbwan - 4ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Reginaldo Conceição da. Conflitos por terra e Água no alto Solimões. Revista Da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Ano 65, n.1,. Disponível em: <http://novacartografiasocial.com.br/download/dossie-conflitos-de-fronteiras-conflitos-por-terra-e-agua-no-alto-solimoes-envolvendo-povos-e-comunidades-radicionais> Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

VIÉGAS, Rodrigo Nuñez et al. Cartografia social, terra e território. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano e Regional, 2013).

Acselrad, Henry. (org.). **Cartografias sociais e territórios**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano Regional, 2008